

ESTUDO DE CASO: GESTÃO DE CUSTOS NA CAFEICULTURA FAMILIAR UM ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE RURAL DOS VOLPE, SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO, MINAS GERAIS

A. L. Volpe – Graduando em Administração, Libertas Faculdades Integradas. D. E.do Livramento – Eng. Agrônomo Dr. – Prof. Libertas Faculdades Integradas

A cafeicultura familiar é responsável por 38% da produção do café no Brasil, sendo uma importante atividade rural de desenvolvimento regional e também uma forma de impulsionar economias locais. Considerando ainda que o universo da cafeicultura familiar é extremamente complexo, em função da grande diversidade de ambientes e em virtude da existência de diferentes tipos de agricultores, que se diferenciam entre interesses particulares e estratégias de produção. Portanto, podem responder de maneira diferenciada a situações semelhantes. Nesse contexto o cafeicultor deve procurar meios para uma gestão eficiente que maximize os recursos disponíveis e que acompanhe novas tecnologias, para manter-se competitivo no mercado. Dessa forma não basta só ser produtivo, o cafeicultor familiar deve produzir com o máximo de eficiência fazendo gestão de custos de forma detalhada que permita apontar claramente a situação do empreendimento facilitando assim a tomada de decisão. O objetivo geral desta pesquisa foi estudar a importância do levantamento dos custos de produção para uma propriedade de cafeicultura familiar.

A metodologia deste estudo é de cunho qualitativo, sendo que foi feita uma análise documental nos dados referentes as despesas, disponibilizados pelo produtor entre as safras 2012/2013 a 2016/2017. O estudo de caso foi realizado na Fazenda Ponte Alta, localizada no município de São Sebastião do Paraíso-MG, Km 12 da estrada de São Sebastião do Paraíso-MG a Capetinga-MG, sob um planalto de 863 metros de altitude, constituído por um Latossolo Vermelho Distroférrico, a temperatura média anual em São Sebastião do Paraíso é 19,4 °C. A pluviosidade média anual é 1519 mm. O sistema de produção do cafeicultor é sequeiro. A propriedade possui uma área total de 9,7 ha (hectares), a área destinada a produção de café é de 5,8 ha, a qual é dividida em dois talhões. O talhão I com 5000 covas da cultivar Mundo Novo IAC 379/19, foi plantada no ano de 1988, com o espaçamento de 3m x 2m totalizando 3 ha, o talhão II com 12000 pés da cultivar Catuaí Vermelho IAC 99, foi plantada no ano de 2004, com espaçamento de 3,3m x 0,7m totalizando 2,8 ha.

Resultados e conclusões

Na tabela 1 são apresentados os percentuais de participação de grupos que compõe o custo total da produção de café do talhão I.

Tabela 1 – Formação do custo total – talhão I

	Custo Variável -Insumos	Custo Variável – Manutenção	Custo Variável- Colheita	Custo Fixo	Produção sacas/ha
2012/2013	40%	11%	-	49%	0
2013/2014	29%	11%	26%	34%	46
2014/2015	21%	12%	23%	44%	12,7
2015/2016	26%	12%	30%	32%	17,3
2016/2017	20%	20%	10%	50%	5,3
Média	26%	13%	19%	42%	16,3

Fonte: Volpe e Livramento (2017). São Sebastião do Paraíso, MG. -2017.

Ao analisar os indicadores para o talhão I, observa-se uma queda acentuada de produção de 2013/2014 para 2014/2015, sendo de 72,39%, mantendo-se ao longo dos períodos. A provável explicação para tal comportamento foi a baixa resposta a poda nos anos seguintes ao primeiro ano de colheita pós poda, apesar dos tratos culturais serem mantidos para uma alta produtividade, a lavoura não respondeu aos tratos culturais. Analisando os custos fixos, vemos que ele representa uma grande fração no custo total, 49%, 44% e 50%, respectivamente nas safras 2012/2013, 2014/2015 e 2016/2017, que foram as menos produtivas, porém nas safras 2013/2014 e 2015/2016 mais produtivas, o custo fixo apresentou respectivamente 34% e 32%, isso demonstra que quanto mais produtivo for o talhão, o custo fixo será mais distribuído e com isso representará menos no custo final por saca.

Na tabela 2, observa-se as produções do talhão II, que são mais constantes e acontece uma queda mais significativa de 88% da safra 2014/2015 para a safra 2015/2016 devido a bienalidade da cultura, sendo retomada com uma produção 87% maior na safra 2016/2017. Analisando os custos fixos deste talhão, observa-se que esse representa menor proporção que do talhão I, observado que este apresentou média de produtividade superior. Nesse talhão o custo fixo representou 25%, 29%, 29%, 41% e 31% respectivamente nas safras 2012/2013 a 2016/2017, o maior índice é da safra 2015/2016, 41. Sendo essa safra a menos produtiva, isso reafirma a conclusão que quanto menos produtivo for o talhão maior é o peso do custo fixo por saca.

Tabela 2 – Formação do custo total – talhão II

	Custo variável - Insumos	Custo variável – Manutenção	Custo variável – Colheita	Custo Fixo	Produção sacas/ha
2012-2013	29%	6%	40%	25%	43,2
2013-2014	27%	13%	31%	29%	28,9
2014-2015	26%	9%	36%	29%	50
2015-2016	28%	16%	15%	41%	5,7
2016-2017	30%	11%	28%	31%	45,4
Média	28%	11%	30%	31%	34,6

Fonte: Volpe e Livramento (2017). São Sebastião do Paraíso, MG. -2017.

Analisando os indicadores: produtividade x custo, observa-se uma queda menos acentuada nessa característica para o talhão I, apresentada pela inclinação da reta (equação de regressão linear simples), quando comparado com o talhão II. Isso pelo nível mais constante de custo, que nesse caso varia de R\$ 460,00 a R\$ 1.186,00. Calculando a média de produção dos últimos cinco anos do talhão I, tem-se 16,3 sacas por hectares. Analisando essa

média tem-se a previsão do custo total de R\$ 750,00 por saca, situação desfavorável levando em consideração a média de venda do café que em 2016/2017 é de aproximadamente R\$ 500,00.

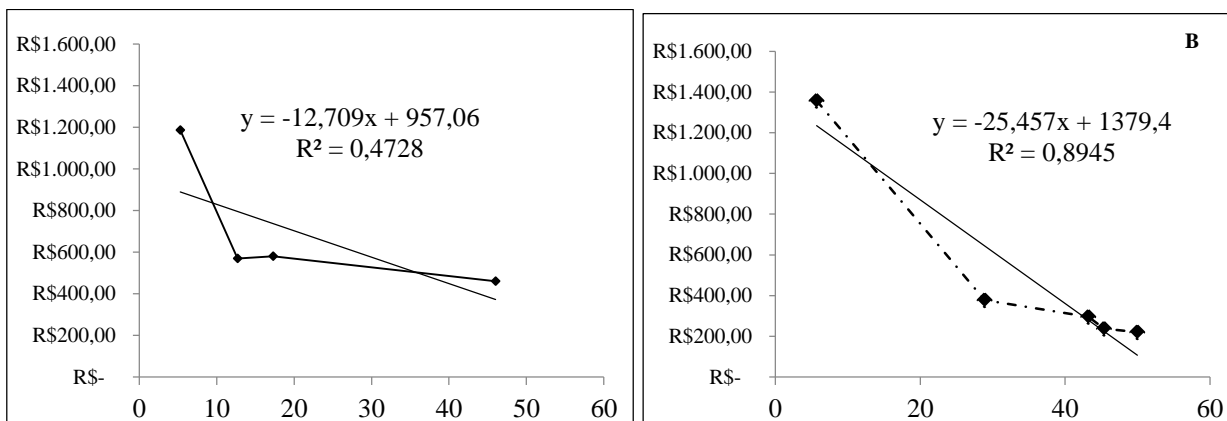


GRÁFICO 1 – Custo total e produtividade para o talhão I (A) e II (B). Fonte: Volpe e Livramento (2017). São Sebastião do Paraíso, MG. -2017.

Diante dos dados analisados foi verificado que o talhão I não está dando retorno aos recursos aplicados, por isso, deve-se tomar algumas decisões para evitar desperdícios de tempo e recursos, que podem ser mais produtivos em outras situações. Como por exemplo a renovação da lavoura do talhão I.

Considerando as análises desta pesquisa, pode-se concluir que os custos variáveis são os fatores que mais oneraram o preço final do café onde dentro destes os insumos são o de maior peso, seguido da colheita e pôr fim a manutenção da lavoura. Pode-se identificar também que o talhão menos produtivo o custo fixo participa com 44% do custo total de média, enquanto no mais produtivo ele representa 35%.

Tabela 3 - Ponto de equilíbrio do Talhão II

$$\begin{aligned} \text{CDF} &= 3.186 \\ \text{MC} &= 326-215= 121 \\ \text{PE} &= 3186/121= 26,3^* \end{aligned}$$

*Sacas por hectare. Fonte: Volpe e Livramento (2017). São Sebastião do Paraíso, MG. -2017.

As análises de valores dos custos totais registrados neste estudo indicam que a produção de café nesta propriedade é economicamente viável a partir de 26 sacas por hectare, e que a inserção nessa atividade de forma competitiva, que a busca economia de escala passa a ser decisiva.

Tabela 4 – Margem de segurança do Talhão II

$$\begin{aligned} \text{PE} &= 26,3 \\ \text{Vendas (Produtividade)} &= 34,6 \\ \text{MS} &= 34,6 - 26,3 = 8,3^* \end{aligned}$$

*Sacas por hectare. Fonte: Volpe e Livramento (2017). São Sebastião do Paraíso, MG. -2017.

Considerando a margem de segurança é relatado que o Talhão II está com 8,3 sacas por hectare acima do seu ponto de equilíbrio, ou seja, com uma margem de 31,6% acima do ponto de equilíbrio. Quanto maior for a margem de segurança, menor é o risco do produtor ter prejuízo, portanto, deve-se aumentá-la ou mantê-la e caso ela comece a diminuir o produtor deve tomar medidas que solucione essa queda.